

EU (ES)CORRO: IDENTIDADE LÍQUIDA EM *HOTEL ATLÂNTICO*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Girvâni Seitel¹

RESUMO

Com a globalização, o sujeito experimenta a fluidez e a volatilidade do tempo, em que as inúmeras esferas da sociedade atual – vida pública, vida privada, relacionamentos sociais e familiares – passam por uma série de transformações, cujas consequências esgarçam o tecido social. Nessa perspectiva, o artigo tem por objetivo analisar como se dá a representação da identidade do sujeito no romance *Hotel Atlântico* (1989), do escritor João Gilberto Noll. A partir de uma abordagem bibliográfica, a narrativa nolliana é lida e analisada à luz das ideias de Zygmunt Bauman, que trata da passagem da modernidade em seu estágio “sólido para o estágio líquido”. Considerando as ideias do sociólogo consoante às identidades líquidas, inconsumadas, o estudo dá atenção ao andarilho, narrador-protagonista do romance, um sujeito que está “fora”, à margem, e que vagueia nas fronteiras da pós-modernidade, sem almejar conhecimento, bens materiais ou afetos verdadeiros e recíprocos. Salienta-se que *Hotel Atlântico*, seja na representação crítica e fragmentária de condicionamentos sócio-históricos no texto e no enfoque temático quanto nas opções estéticas, desbrava a difícil tarefa de pensar a alteridade quando se tem um mal-estar coletivo que “derrete” a identidade do sujeito, impossibilitando sua afirmação em sociedade e o reconhecimento do “outro”. Outrossim, a leitura do romance possibilita discutir e refletir acerca de como experiências sociais podem ser exploradas esteticamente pelos escritores e como estratégias artísticas podem colaborar na representação de um determinado contexto social.

Palavras-chave: Narrativa contemporânea. *Hotel Atlântico*. Identidade. Sujeito.

***I DRAIN: THE LIQUID IDENTITY IN
HOTEL ATLÂNTICO, WRITTEN BY JOÃO GILBERTO NOLL***

With the globalization, the subject experiments the fluidity and the volatility of time, in which the numerous spheres of the current society – public life, private life as well as family and social relationship – pass through a series of transformation whose consequences fray the social tissue. In this perspective, the objective of this article is to analyze how it is the representation of the subject identity in the novel *Hotel Atlântico* (1989), written by João Gilberto Noll. From a bibliographic approach, the nolliana narrative is read and analyzed following Zygmunt Bauman's ideas, which treats the passage of modernity "from the solid to the liquid stage". Taking into consideration the ideas of this sociologist according to his liquid identities, the study gives attention to the hiker, narrator – protagonist of the novel, a subject who is "out", to the margin, and who roams in the borders of the pos- modernity, without longing for knowledge, material goods or reciprocal and true affections. It is emphasized that *Hotel Atlântico*, is in the critical and fragmented representation of the social- historical conditioning in the text and in the thematic focus as in the aesthetic options, tames the hard task of thinking the otherness when there is a collective malaise which "melts" the identity of the subject, making it impossible the statement in society and the recognition of the "other". Likewise, the reading of this novel enables the discussion and the reflection in relation to how social experiences can be explored aesthetically by the writers and how the artistic strategies can collaborate in the representation of a determined social context.

Key- words: Contemporary narrative. *Hotel Atlântico*. Identity. Subject.

1 O DERRETIMENTO DAS IDENTIDADES SÓLIDAS

Com a globalização, a temática da identidade cultural assentada no modelo cartesiano, dá lugar a um sujeito que está em permanente construção e reavaliação do seu modo de ser e agir em sociedade. O sujeito pós-moderno é caracterizado pela ausência de uma identidade sólida e estável. Atento às mudanças voltadas às

identidades no contexto da modernidade líquida, Zygmunt Bauman, em *O mal-estar na pós-modernidade* (1998, p. 114), vê que o “eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe”, trazendo à tona a fragilidade e a condição provisória do sujeito em que compete avaliar os seus traços identitários.

Esse novo sujeito, de identidade provisória e indefinida, tem sido representado na literatura brasileira contemporânea por meio de narrativas fragmentadas, de áreas elípticas, descontínuas e indeterminadas. O romance traz em sua tessitura um diálogo em que as “marcas” das experiências sociais do homem não são mais que a representação de um presente precário e instável.

Nesse contexto, as narrativas de João Gilberto Noll caracterizam aquelas que representam a contemporaneidade em toda sua força e obscuridade. A prosa ficcional nolliana, desde a multiplicidade dos acontecimentos à intensificação da ficcionalização do real, coloca o escritor gaúcho como intérprete mais original no sentido pós-moderno de perda de sentido e de referência do sujeito.

O artigo tem por objetivo analisar como se dá a representação da identidade do sujeito no romance *Hotel Atlântico* (1989). A partir de uma abordagem bibliográfica, a narrativa de Noll é lida e analisada à luz das ideias de Bauman a respeito da identidade no âmbito da sociedade líquido-moderna.

2 IDENTIDADE LÍQUIDA EM *HOTEL ATLÂNTICO*

Hotel Atlântico (1989) considera a história do sujeito insulado pelo trivial e corriqueiro, que escamoteia sua identidade e não encontra ponto fixo nos espaços por onde transita. Cidade, estradas, lugarejos, o protagonista é um ex-ator que vivencia e narra suas andanças pelo Brasil. Para esse sujeito, de identidade indefinida, não há modelos de vida em sua trajetória que o estimulem a ter um lugar fixo no mundo social, como também não há relacionamentos que o façam fixar residência e vínculos duradouros.

O narrador-protagonista do romance é escorregadiço, hábil, movediço. Por isso, impossível captar sua identidade arredia e inconstante. A ânsia de partir, sair sem rumo, é atestada quando ao acordar no quarto do hotel, ao amanhecer, a personagem mostrava-se afoita, nervosa:

Fechei a cortina [da janela]. Uma contagem regressiva estava em curso, eu precisava ir. Mas resolvi voltar para a cama. Tirei os sapatos com os próprios pés. Sabia que de dentro de mim eu representava um desespero, porque daqui um pouco eu precisava ir. (NOLL, 1989, p. 9).

A personagem vive a época líquido-moderna, envolto por uma atmosfera de cetismo com relação à sociedade. O mundo em volta do sujeito “está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18-19). A personagem padece de um mal-estar, que se liga à identidade num viés em que denota que sua subjetividade ganha contornos singulares, beirando o absurdo, o grotesco e o anormal. As errâncias da personagem sem nome assumem identidades líquidas, deflagrando a cisão do sujeito com o outro na conturbada relação do homem pós-moderno com o social: o da desterritorialização.

Para o andarilho não há constituição que possa auxiliar o leitor em defini-lo. Sua vivência vem marcada pelo horizonte de indeterminação. Por onde passa, dilui qualquer objeto que lhe possa trazer alguma recordação dos lugares por onde passou. A personagem apaga sua história, desfazendo-se da bagagem, dos postais e dos mapas. Ao ser questionado pela mulher que lhe fizera companhia à noite num hotel, sobre o fato de carregar consigo apenas as roupas do corpo, ele responde: “[e]u não guardo nada comigo” (NOLL, 1989, p. 41). A fala da personagem caracteriza o sujeito desapegado de suas origens e que não sabe para onde vai, fazendo com que sua vida pareça como uma mera ficção.

A relação despretensiosa entre a linguagem, em primeira pessoa, e o olhar da personagem constrói uma narrativa conduzida por movimentos impensados na busca incessante por novas paisagens e imagens. Nessa perspectiva, fazer uma leitura de *Hotel Atlântico* (1989) a partir do dilema unificação *versus* fragmentação da identidade é pertinente num momento da história em que os aspectos locais dão lugar a uma cultura global. A narrativa nolliana entreve um processo de leitura e de procura de uma identidade por parte de um narrador incapaz de definir a si próprio enquanto sujeito cultural e socialmente construído.

Ao fazer uma leitura das personagens dos romances do escritor gaúcho, Karl Erik Schollhammer, em *Ficção brasileira contemporânea* (2009, p. 32), expressa que as personagens se “encontram em processo de esvaziamento de projetos e de personalidade, em crise de identidade nacional, social e sexual”. Sujeito misantropo,

o narrador-protagonista que deixa de ser ele mesmo na busca de vestir outra identidade, que lhe é oferecida pelos padrões sociais e culturais da modernidade líquida.

Em consonância com o pensamento de Schollhammer (2009, p. 118), que enfatiza que as personagens de Noll sofrem de um mal-estar “centrado no esvaziamento identitário”, Ricardo Araújo Barberena, no artigo “A identidade latino-americana na literatura pós-moderna: as múltiplas confessionalidades no limiar da nação” (2012, p. 4), analisa as relações de identidade possíveis de serem aventadas na literatura latino-americana pós-moderna. O pesquisador entende que não é possível “desvincular a literatura das crises e dos combates de uma cotidianidade marcada por várias esferas de poder e por múltiplos pertencimentos identitários”.

Portanto, há que se perceber o texto literário de Noll como estratégia de narrativização de uma dada identidade agenciada no amalgama do estatuto da representação e da linguagem, revalando uma identidade criada a partir das sensações corpóreas. É um sujeito que recusa uma única identidade. Diariamente, explora sensações em que o corpo veste as identidades necessárias para escamotear sua origem, como também se adaptar aos espaços que ocupa temporariamente.

No romance, os laços sociais que se acreditava serem imutáveis, derretem diante de territórios movediços que se mostram aos passos do andarilho. “Eu disse adeus, falei que um dia a gente ia se rever me sentido completamente ridículo” (NOLL, 1989, p. 12). Em sua cartografia não planejada pelo Brasil, o andarilho configura suas breves socialidades marcados por resistências ao outro, por rasuras e escritas de experiências vazias de sentido na tessitura da vida social.

Se a socialidade, segundo Michel Maffesoli, em *No fundo das aparências* (1996, p. 160), significa a integrar o “sentimento, a emoção e o imaginário” nas relações sociais, *Hotel Atlântico* (1989) não traz essa relação de homogeneidade entre as personagens. Os sentimentos que se fazem ver na narrativa reverberam o desejo de uma procura perdida. Por seu turno, a narrativa nolliana caracteriza essa dimensão da socialidade mapeada num corpo social doente. O andarilho representa o deslocamento do sujeito para longe de si e do outro dentro de um universo cultural que causa estranheza e incompletude.

Não há sinal de pertencimento que possa indicar pouso e abrigo para os encontros da alteridade. Em *Identidade* (2005, p. 17), Bauman expressa que tanto o

pertencimento quanto a identidade “não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, e são bastante negociáveis e revogáveis e dependem das decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age”. O pensamento do sociólogo guia para a compreensão da identidade não consumada da personagem do romance nolliano. Na narrativa, a relação da identidade inconsumada tem relação intrínseca com a noção de pertencimento à questão geográfica.

Os fluidos, comenta Bauman em *Modernidade líquida* (2001, p. 8), traçam um caminho que desconhece obstáculos, eles se “movimentam facilmente, fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam”. O andarilho anônimo da narrativa traça seu caminho no espaço e nos deslocamentos do olhar, nos multifacetados campos de visão que a personagem faz de si e do mundo à sua volta. É um ser errante que está sempre criando, inventando, vestindo tantos outros corpos e personagens sociais, identidades planas em um universo movediço.

Bauman (2001) observa que tudo na contemporaneidade é fluído, porque os líquidos não fixam o espaço, nem tampouco prendem o tempo, como também não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos a mudá-la. O sociólogo utiliza de modo metafórico o termo “líquido” para caracterizar o processo de despersonalização do sujeito em sociedade. Os líquidos estão associados à mobilidade e à inconstância, e podem mover-se facilmente. A liquidez e suas características determinantes, fluidez e adaptabilidade, são qualidades que a sociedade pós-moderna enaltece, pois crê que é necessária a mudança de forma para que o sujeito se adapte a qualquer situação adversa.

Liquifeita, a personagem do romance desapega-se das pessoas e dos objetos que possam impedir seu livre e descomprometido ir e vir. O desapego às pessoas e aos bens materiais, considerado há pouco tempo como demonstração de displicência, indolência ou cansaço, torna-se em tempos líquidos posição ativa e, portanto, proposital. Na narrativa, percebe-se que a personagem não se vê por inteiro em nenhum dos lugares que vai. Segundo Bauman (2005, p. 30), “[q]uando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer natural, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso”.

Nesse contexto, a presença do espelho se repete continuamente no romance de Noll. Os espelhos participam dos múltiplos jogos de olhares construídos pelas vozes narrativas. E o que refletem essas superfícies?

Me olhei num espelho no pequeno saguão do hotel. [...] Naquele espelho eu parecia de uma terra remota, obrigado a enfrentar diariamente as maiores intempéries. Senti como se uma falta do que eu jamais precisaria suportar. Baixei os olhos (NOLL, 1989, p. 32).

Fecundada pelo olhar que se nega em ver, a narrativa dá a ver um sujeito que corresponde ao mundo diluído, que também incorpora através do próprio reflexo no espelho o enigma a ser desvendado. Sua imagem no espelho parece ser o rosto de alguém distante, de alguém que há muito tempo ficara para trás no tempo.

Na complexa vida líquida, “os seres humanos já não mais ‘nascem’ em suas identidades”, explica Bauman (2001, p. 40). O caráter identitário da vida social é absorvido e descartado da esfera individual. A cada dia, a identidade precisa ser revista. A identidade do sujeito passa por um processo contínuo de construção, permanecendo assim, sempre incompleta. A globalização marca a dissonância entre a ordem social como ideal a ser alcançado por todos os cidadãos. As identidades se desfazem facilmente e, por isso, a cada dia o sujeito precisa buscar entre as vivências líquidas razão e força para compreender que “[a]s identidades ganharam livre curso, a agora cabe a cada indivíduo capturá-las em pleno voo, usando seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 36). Dessa forma, produz-se um sujeito cuja identidade não é permanente e sim móvel, formada e transformada continuamente à medida que acontecem os trânsitos culturais.

É através da sua imagem refletida no espelho que a personagem constata que estava definhando:

Na frente do espelho olhei as minhas olheiras fundas, a pele toda escamada, os lábios ressequidos, enfiei a língua pela cárie inflamada de um dente, pensei que não adiantava nada eu permanecer aqui, contabilizando sinais de que meu corpo estava se deteriorando (NOLL, 1989, p. 11).

A reação da personagem reflete na busca do sujeito em encontrar razão para si mesmo numa sociedade impregnada pelo esvaziamento do tempo e do espaço. A postura da protagonista do romance é caracterizada pelos impulsos ao agir, mostrando-se completamente inconsequente.

O alheamento do narrador-protagonista pode ser levando em conta o pensamento de Nelson Brissac Peixoto. Em *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea* (1987, p. 82), o autor escreve que o andarilho tem como lema “viver na superfície, não se apegar a nada nem a ninguém, não criar raízes”. Nesse contexto, o romance de Noll é fonte de reflexão a respeito da condição contraventora do sujeito no cerne da pós-modernidade, em que mal-estares de toda ordem implicam mudanças radicais na relação que o sujeito tem com o espaço, com o tempo e com o outro, a ponto de fragmentá-lo em sua identidade.

A narrativa assoma como expressão do imaginário social e suscita questionamentos acerca dos modelos sociais hegemônicos e enfatiza a desconstrução, a heterogeneidade, o relativismo e a esquizofrenia, revelados nas diferentes contingências da condição humana. *Hotel Atlântico* (1989) é uma fonte de reflexão e de questionamento a respeito da condição e contravenção do sujeito no âmbito da socialidade da vida líquida.

O texto literário sugere um olhar crítico sobre as consequências da globalização na construção dos sujeitos anônimos que andam pelas margens da sociedade, em que não mais se tem o “espaço representando uma ideologia homogeneizante, generalizadora, produto da totalidade já dada”, e sim o espaço “como o outro do sujeito, [...] ou mesmo do sujeito, seu duplo”, conforme escreve Nizia Villaça na obra *Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção* (1996, p. 194).

O romance pode ser visto como alegoria da representação da abertura política no país. O retrato, a um só tempo, da desorientação de um personagem sem destino, vivendo à sorte do acaso. No “final dos anos 80 e início dos anos 90”, enfatiza Villaça (1996, p. 158), tem-se a “vivência da crise da questão política, ética, artística, por uma subjetividade que se volta para a história, para o nacional, para a cidadania”. A falta de identidade se apresenta na grande alegoria da viagem. Os deslocamentos no espaço abrem linhas de fuga e institui forças de desterritorialização. Seguindo os rastros do narrador-protagonista, denota-se que não há modelos de vida em sua trajetória que o estimulem a ter um lugar fixo no mundo social.

A vivência errante da personagem vem ao encontro das características do sujeito pós-moderno de que fala Sergio Paulo Rouanet. Em *As razões do iluminismo* (1987, p. 234), o filósofo frisa que o sujeito pós-moderno é permeável a tudo e promíscuo com tudo o que toca, caracterizando a ambivalência que permeia a

precária e efêmera vida líquida da personagem. Sua identidade frágil e escorregadia faz com que não consiga manter o olhar focado em um objetivo que pudesse levá-la a estabelecer vínculos duradouros e residência fixa.

Na modernidade líquida, a ideia de tempo é posta à margem diante da ênfase dada aos registros da ação e do corpo, indicando uma ruptura entre espaço e tempo como indicadores da História. O filósofo Joel Birman, na obra *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade* (2012), revela que o espaço “passa a dominar todo o território do psiquismo”. Não diferente ocorre com a personagem da narrativa. Para ela, o registro do tempo não importa para a personagem, pois ela está sempre envolta por angústias que a levam a partir, constantemente.

Ao especular sobre seu próprio destino, a personagem faz uma auto-crítica diante da constatação que seu corpo passa por um processo de desintegração no decorrer da narrativa:

Eu estou velho, pensei. Mal chegado aos quarenta, velho. Andar por aí seria uma loucura. As minhas pernas, fracas. O meu coração batendo desordenado, eu sei. E essa minha postura reumática... (NOLL, 1989, p. 13).

Porém, mesmo doente, o narrador-protagonista desabafa: “Mas eu precisava ir” (NOLL, 1989, p. 13). Voltado a atitudes que o impelem sempre a partir, o andarilho insere-se ao grupo de sujeitos cuja identidade não consegue encontrar “ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2005, p. 7). A morte é seu ancoradouro. O definhamento do corpo da personagem-protagonista é a alegoria da fragmentação do sujeito inserido ao vórtice da modernidade líquida, tempo de derretimento das utopias e da possibilidade de ver no amanhã um porto seguro.

O romance é sensível ao que dá corpo à vida social. É uma literatura do fragmento, do instante, do trivial, que acompanha os rastros da socialidade que se constrói para além da clareza e da argumentação lógica e racional dos fatos narrados, posto que as relações entre o imaginário e as formas sociais atuais vêm marcadas pela aparência, pelos jogos das imagens, pelos nomadismos e pelos instantes (MAFFESOLI, 19986, p. 59).

O nomadismo que tece as páginas da narrativa nolliana por geografias incertas traz a lume questionamentos sobre as dimensões espaciais e temporais do narrado.

A socialidade percebida a partir do olhar e da fala do narrador-protagonista faz com que se leia o nomadismo à luz dos desgastes de sentido da vida social, de um sujeito que não encontra sentido no social na forma como ele está instituído.

A falta de sentido, escreve Anthony Giddens, em *Modernidade e identidade* (2002, p. 16), faz com que o sujeito tenha a “sensação de que a vida não tem nada a oferecer”, o que se coloca como um problema psíquico na modernidade tardia. As andanças e errâncias da personagem principal são representações da inquietude do sujeito envolto por um cotidiano acelerado e claustrofóbico, que vive a permanente sensação de viver “rudimentos de ilusão” (NOLL, 1989, p. 30).

Giddens (2002) fala das “tribulações do eu”, destacando o dilema unificação *versus* fragmentação do sujeito na modernidade tardia, termo correlato à modernidade líquida de Bauman. A globalização fragmenta as paisagens culturais, impossibilitando a reconstrução das narrativas da identidade. Isso corrobora para que o andarilho tenha dificuldade de projetar uma representação de si mesmo. A personagem não fornece uma visão unitária dos fatos narrados em seu instante ficcional, o que gera a incerteza e desconforto pelo fato de omitir referências sobre sua origem e destino.

O andarilho reescreve uma história pessoal em cada lugar que passa. Por isso, “identidade significa não ter casa” (PEIXOTO, 1987, p. 82), prerrogativa que baliza a postura indecisa do narrador-protagonista do romance. Na passagem em tela, a personagem mostra sua indecisão ao deixar o hotel antes de partir para algum lugar desconhecido: “Quem sabe volto para o quarto?, me perguntava. Quem sabe eu fico, desisto? Quem sabe eu me caso com a melindrosa da portaria? Quem sabe me contento na companhia de uma mulher?” (NOLL, 1989, p. 13).

Além disso, o andarilho “evita a ideia de recorrer a alguém. Recorrer a alguém seria o mesmo que ficar, e eu precisava ir” (NOLL, 1989, p. 13). Um desejo de evasão, de pulsão migratória seja dos lugares, dos hábitos, dos relacionamentos, do outro, que é sempre visto como ameaça. Nesse propósito, atos como “[a]bandonar os lugares conhecidos, desfazer continuamente a própria identidade”, assomam como “processos infinitos de estranhamento” (PEIXOTO, 1987, p. 82).

A postura do narrador-protagonista em relação ao outro caracteriza a esquizofrenia do sujeito na modernidade líquida. Sua postura retira-lhe a possibilidade de se definir como um ser social interagente, participante das mudanças sociais. A personagem, sem nome, sem origens, sem raízes, é um sujeito

misanthropo impossibilitado de constituir identidade a partir da visão que faz dos outros sujeitos que encontra pelo caminho.

O andarilho é um ser que se esgueira por fronteiras movediças e tem uma vida pautada por acontecimentos insólitos. O romance expõe o mal-estar da vivência cidadina, em que o problema da alteridade se coloca na ordem do dia. Assim, a constituição do andarilho e sua representação se dão perpassadas por uma narrativa em que o sujeito nega o outro. Atitude como “negar-se o tempo todo, romper permanentemente como o que se é, voltar sempre a zero” (PEIXOTO, 1987, p. 82) caracteriza o narrador-protagonista, um sujeito alheio a tudo, sejam pessoas ou objetos.

Os relacionamentos na narrativa são esvaziados de sentido. Nesse viés, Lúcia Helena no artigo “Uma sociedade do olhar: reflexões sobre a ficção brasileira” (2008, p. 16), destaca “como é difícil compartilhar tanto a experiência como a percepção do mundo, que é vivida sempre de modo solitário”. A narrativa nolliana é tecida na fúria dos corpos que se encontram por encontrar. É no enlace da sexualidade e dos códigos obscenos que o andarilho demonstra que não há espaço para fincar raízes.

No contexto da vivência líquida, firmar laços de afeto caracteriza um ato arriscado, senão perigoso, pois não se sabe de antemão o resultado final dessa experiência amorosa, resumida na missão que era “cobri-la fora do alcance dos seus olhos” (NOLL, 1989, p. 7). O corpo na narrativa nolliana explode numa epopeia libidinal, em que os sentidos corpóreos tornam rarefeitos os verdadeiros afetos. Ao outro cabe usar a máscara da alteridade diante da realidade fluida que escorre ao olhar do narrador-protagonista. É no corpo e em seus contatos frios e passageiros que a errância encontra espaço para sua explosão de excessos. Nos breves contatos que a personagem mantém com os outros sujeitos, os laços de afetividade funcionam como comunidades guarda-roupa, “reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os expectadores apanham seus casacos nos cabides” (BAUMAN, 2005, p. 37).

Na obra *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004, p. 10), Bauman argumenta que a temeridade da aproximação do outro impede a concretização dos afetos, pois “é preciso diluir as relações para que possamos consumi-las”. Os relacionamentos do andarilho se dão de modo bruto e frio, ficando ao final da relação o vazio e o inominável: “Nenhum toque acima da cintura, nada que não fossem ancas anônimas se procurando, patéticas” (NOLL, 1989, p. 8-10).

A impossibilidade de manter relacionamentos sinceros – olho no olho – atrelados ao sentimento de desterro e orfandade diante do caos da vida líquida chegam ao ápice. O narrador-protagonista, com o corpo bastante degradado diante da doença degenerativa que o assola, acorda no hospital e constata que sua perna direita fora amputada. Inicialmente, o médico, então candidato a prefeito, acolhe o andarilho em seu hospital ao saber que ele era um ator. Porém, ao saber da decadência do ator andarilho, abandona-o no leito hospitalar por acreditar que ele não pode trazer benefícios políticos para sua candidatura.

No leito hospitalar, a personagem crê não ter perdido uma parte do seu corpo. No diálogo que trava com a filha do médico que o visita a cada dia no hospital, o andarilho devaneia sobre sua condição deplorável: “De repente” – divaga – “me veio a velha sensação de que alguém estava representando, no caso aquela garota (NOLL, 1989, p. 66). Em *A conquista do presente* (1984), Maffesoli explica que a teatralização da vida cotidiana se dá quando o sujeito encena ser alguém que na verdade não é, usando máscaras da aparência. Máscaras essas que ele pode mudar quando a situação exigir para que, assim, ele se sinta inserido aos moldes da sociedade fetichista, voltada às imagens e ao culto do consumo.

A “repetição do teatro é o cadinho do parecer social” (MAFFESOLI, 1984, p. 136). Nesse sentido, o fato de que a personagem acredite que aquela cena do quarto do hospital poderia ser mera representação, aproxima-se do aspecto teatral que sua vida líquida sempre fora um misto de aparência e de simulacro.

A teatralidade do cotidiano de que fala Maffesoli (1984) vem ao encontro das cenas finais do romance, em que o narrador-protagonista, inválido e inerte, não faz mais do que crer que sua condição fragmentada seja apenas mais uma cena que está sendo gravada. A orfandade diante da vida líquida faz com que o andarilho estagne. É no corpo que o narrador-protagonista ensaia um grito contra as convenções da sociedade.

Ao deliberar sobre o corpo, Terry Eagleton, em *As ilusões do pós-modernismo* (2007, p. 73) escreve que, no arcabouço do pós-modernismo, os sujeitos vivem o apogeu do corpo de maneira escancarada. Na atualidade, “[o]s corpos constituem formas de falar do sujeito humano sem cair no humanismo piegas”. Por isso, o narrador-protagonista, diferente do sujeito cartesiano, é aquele “cujo corpo se integra a sua identidade” (EAGLETON, 2007, p. 72). O andarilho que percorre as margens da narrativa integra sua identidade liquifeita à sua condição física. O estado

degradante do corpo do narrador-protagonista, devido a uma doença degenerativa que o acompanha desde o princípio do texto, somatiza o mal-estar do homem que vive sob o signo da incerteza. O corpo assoma como única certeza palpável quando todo o entorno torna-se cada vez mais abstrato.

O andarilho revela o fracasso do sujeito itinerante das experiências fugazes. Inválido em sua constituição física, não agrega mais valor à sociedade líquido-moderna. É um sujeito que não mais “não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo” (BAUMAN, 1998, p. 27), cujo ordenamento se dá por meio de estruturas baseadas em interesses políticos e econômicos em detrimento do humano e do social.

A personagem sem nome não condiz à estrutura do mundo ordeiro de que fala o sociólogo polonês. Ao analisar o paciente e fazer a limpeza do toco que restara da perna amputada, o médico explica para um residente que o acompanha. Segundo o médico, “[v]ivemos num mundo de estruturas. Como em qualquer outra, quando se extrai uma parte da estrutura óssea toda estrutura é afetada” (NOLL, 1989, p. 83). Alegoricamente, o corpo do andarilho significa o alicerce enfraquecido da sociedade líquido-moderna.

A postura da personagem médico caracteriza o gesto de reconhecer o outro como elemento que fratura e desestabiliza o sistema vigente. Por isso, o narrador-protagonista é excluído, pois o capital, o poder, o consumo e a competição são os princípios de uma sociedade “nada inclinada à cooperação e à solidariedade” (BAUMAN, 2004, p. 158). A exclusão e a degradação que escorre pelas páginas finais da narrativa jogam luz sobre o delicado dilema da alteridade na contemporaneidade.

Em tempos líquidos, nada mais é imutável, duradouro e eterno. As transformações são constantes, tanto no setor político-social, como no pessoal. Princípios morais e éticos não são levados em conta diante da liquidez da narrativa. O discurso social é silenciado em detrimento da voz solitária do andarilho, que expõe a fragmentação de si e narra seu último momento de vida, fluida e inconstante:

Quando Sebastião saiu do quarto comigo nos braços os meus olhos não agüentaram tanta claridade do sol, e se fecharam. Depois do choque reabri os olhos, e me dei conta de que eu via tudo de cabeça para baixo, porque a minha cabeça pendia para trás. [...] Só me restava respirar, o mais

profundamente. E me vi pronto para trazer, aos poucos, todo o ar para os pulmões. (NOLL, 1989, p. 98).

E, no final da narrativa, a morte: “e eu fui soltando o ar, devagar, devagarinho, até o fim” (NOLL, 1989, p. 98). O tom solene das últimas palavras do andarilho “derrete” e dilui a última gota de vida. Se no decorrer do romance a viagem funciona ainda como ponto de articulação dos dilemas e conflitos envolvidos no processo de representação de uma socialidade em construção, com a morte do narrador-protagonista tem-se a não consumação da identidade.

3 FLUIR, ESCORRER, NÃO SER

A leitura que se propôs no estudo não pretende encerrar a discussão da identidade do sujeito na cena pós-moderna e de sua representação na narrativa de João Gilberto Noll. Ao tratar da questão da identidade numa perspectiva globalizante, *Hotel Atlântico* (1989) expõe um narrador-protagonista que percorre as páginas do romance “com o corpo incompleto” (NOLL, 1989, p. 84).

A personagem inominada é um sujeito fragmentado. Não sabe e nem faz esforço em revelar suas origens, como também não tem experiências para contar ao outro. A partir das errâncias do narrador-protagonista, a narrativa revela-se uma epopeia do fragmento, em que as palavras que tecem o texto são destituídas de qualquer expressão que possa caracterizar a identidade da personagem principal.

Ao se reportar à literatura contemporânea, Schollhammer (2009, p. 10), expressa que o texto de Noll não é aquele “que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica”. Visto desse viés, o escritor dá respostas a um anacronismo ainda tributário de esperanças que lhe chegam tanto de um passado histórico em ruínas e de um futuro permeado por utopias em que o sujeito vaga sem esperanças e desiludido.

Culturalmente, a identidade também é uma narrativa. Na obra *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (2006, p. 21), Nestor García Canclini trabalha com um conceito importante para os estudos literários, porém de forma mais abrangente: a narrativa. Para ele, a identidade é “uma narrativa que se constrói; um relato reconstruído incessantemente e não uma essência dada por uma vez e em forma definitiva”. Sobremaneira, o narrador-protagonista transita por

espaços que fomentam múltiplas identidades, cujo corpo em degradação vem rabiscado nas páginas da narrativa. Corpo que flui, escorre, transborda além das margens da subjetividade, a personagem forja identidades, desdobrando-se sempre em um outro na confluência da vida líquida.

Ao se reportar ao narrador na literatura brasileira, Regina Dalcastagnè observa no artigo “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea” (2003), que há na narrativa atual há “[n]arradores cheios de dúvidas ou abertamente mentirosos, personagens descarnadas e sem rumo [...] esses seres confusos que preenchem a literatura contemporânea habitam um espaço não menos conturbado” (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 23). Indubitavelmente, a dúvida, a mentira e a desterritorialização levam o andarilho a buscar identidades que se revestem de corpos nômades no conturbado e liquefeito contexto da alteridade.

Eu corro, eu escorro... O esvaziamento identitário (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 118) do narrador-protagonista culmina na morte do sujeito limitado ao corpo. Na diluição de sua identidade não consumada, a morte é a última instância em que se dá a representação da falência da subjetividade na sociedade líquido-moderna.

NOTA

¹ Professor. Mestrando em Letras. Área de Concentração Literatura Comparada. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. Campus de Frederico Westphalen. Apoio: CAPES. girvanipoetaseitel@hotmail.com.

REFERÊNCIAS

BARBERENA, Ricardo Araújo. A identidade latino-americana na literatura pós-moderna: as múltiplas confessionalidades no limiar da nação. *Organon*, n. 52, 2012. Disponível em: <seer.ufrgs.br/organon/article/>. Acesso em: 26 jul. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Marti-nelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

DALCASTAGNÉ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 21, p. 33-53, jan./jun. 2003.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELENA, Lucia. Uma sociedade do olhar: reflexões sobre a ficção brasileira. In: DALCASTAGNÉ, Regina (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Trad. Marcia C. de Sá Cavalcante. São Paulo: Rocco, 1984.

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TOURAINE, Alain. *Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VILLAÇA, Nizia. *Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.